

“Purgatório” fechado

MÔNICA TAVARES E
CÉSAR FELÍCIO

BRASÍLIA – O Congresso recebeu bem a decisão do governo de aumentar a banda cambial e abrir caminho para flexibilizar as taxas de juros. Para os parlamentares, a desvalorização cambial não deverá trazer de volta a inflação. “Com essa medida, o governo fechou o purgatório; agora só tem o céu ou o inferno”, afirmou o ex-ministro do Planejamento, deputado Antonio Kandir (PSDB-SP), ao defender a aprovação imediata das medidas de ajuste fiscal. Para ele, o governo só tinha duas alternativas: ou aumentava mais uma vez as taxas de juros, ou antecipava o programa de flexibilização, o que acabou fazendo. Segundo ele, a previsão do governo era adotar essas medidas somente no final do ano.

“É preciso ter confiança no presidente Fernando Henrique agora”, afirmou o ex-ministro da Fazenda, deputado Delfim Netto (PPB-SP). “Só ele pode ajudar a recuperar a credibilidade do país”, disse Delfim. Ele explicou que até agora o governo tentava resolver dois problemas: o do déficit público e do desemprego e redução do PIB (Produto Interno Bruto), com um único instrumento – o ajuste fiscal. “Com isso ele não ia a lugar nenhum, só aumentava o desemprego”, ressaltou.

Casa arrumada – Delfim Netto descartou a possibilidade de haver uma retomada da inflação a partir da desvalorização cambial. Para ele, “só havia risco quando existia ligação entre salários e preço”. Lembrou que a Coréia desvalorizou sua moeda, passou por algumas turbulências, mas arrumou a casa: a inflação coreana está em torno de 4% e que o país deverá crescer cerca de 4%.

“Quando há capacidade ociosa e desemprego, é possível realizar uma cuidadosa desvalorização que resulte em

estímulo das exportações”, entende o senador Eduardo Suplicy (PT-SP). Para ele, a mudança na banda cambial não levará necessariamente à pressão inflacionária. “Porém é preciso criar condições para aumentarmos a produção e o emprego”, destacou. Suplicy lembrou que o deslocamento da banda cambial encarece as importações, tornando mais competitivo alguns setores da indústria nacional que produzem bens que concorrem com os importados.

Para a deputada Yeda Crusius (PSDB-RS), “a desvalorização cambial implica em inflação se não houver outras medidas, quando há uma desvalorização sem alternativa.” Ela considera que o governo está agindo de forma adequada, porque junto à mudança do câmbio está fazendo ajuste fiscal. Porém, acredita que, haverá uma redução da atividade econômica. “No mundo todo existe previsão de recessão”, ressaltou.

Para o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), a saída de Gustavo Franco do governo vai eliminar divergências dentro da equipe econômica. “Ninguém pode negar méritos a Gustavo Franco, mas podem surgir divergências e elas são evitadas através da nomeação de pessoas que convirjam mais com o ponto de vista que o governo deseja para hoje”, disse ACM, que considera o novo presidente do Banco Central, Francisco Lopes, “tão competente quanto aquele que sai”.

ACM soube da demissão do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, na noite de anteontem, durante um jantar em sua residência com o ministro da Fazenda Pedro Malan. O ministro detalhou as mudanças na política cambial que seriam implementadas pelo Banco Central e adiantou que Franco continuaria colaborando com o governo, como assessor econômico.